

## **A SALA DE AULA E OS MODOS DE ENSINAR E DE APRE(E)NDER NO IMAGINÁRIO DO ALUNO DA EJA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE CIDADÃOS?**

Benilde Cassandra Neves-Bolsista PIBIC ([benildecassandra2@gmail.com](mailto:benildecassandra2@gmail.com))

Maria José Guerra – DE/UEPB ([mariajguerra@superig.com.br](mailto:mariajguerra@superig.com.br))

(Orientadora/PIBIC/UEPB)

### **RESUMO**

Este artigo busca compreender como a escola trabalha a formação de cidadãos críticos e se ela realmente forma seus alunos para vida. O documento oficial das Diretrizes Curriculares Nacionais – (PCNs) para a Educação de Jovens e Adultos estabelece como papel da escola formar cidadãos críticos para atuar na sociedade contemporânea. A pesquisa é de natureza qualitativa e utilizou-se de um questionário aplicado em 1 turma do 5º ano, mas para a dimensão que assume este trabalho, selecionamos para a análise dos dados somente o diálogo de 3 (três) alunos que estudam em uma escola pública situada no bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande – PB, no intuito de investigar se a escola faz uso dos (PCNs) como elemento norteador da modalidade de ensino do I Segmento da EJA. Buscou-se suporte teórico-metodológico nos estudos de André (2004), Certeau (1996), Freire (2000), Oliveira, (2010), Orlandi (2004) e outros. Após a análise, conclui-se que a EJA ainda não atingiu o patamar desejado pelos (PCNs), pois seu ensino ainda está distante da realidade dos seus alunos e infelizmente distante de formá-los cidadãos críticos e atuantes na sociedade atual.

**Palavras-chave:** PCNs. Cidadãos críticos. EJA.

### **ABSTRACT**

This article seeks to understand how the school works the formation of critical citizens and if it really so their students for life. The official document of the National Curriculum Guidelines - (NCPs) for the Education of Youth and Adults establishes the critical role of schools forming citizens to act in contemporary society. The research is

qualitative in nature and used a questionnaire administered at 1 year 5 class, but to the extent that this takes work, selected for data analysis only dialogue of three (3) students studying in a school public situated in the Falklands neighborhood in the city of Campina Grande - PB, in order to investigate whether the school makes use of (PCNs) as part of guided teaching modality of Segment I of EJA. We attempted to theoretical and methodological support in studies of André (2004), Certeau (1996), Freire (2000), Oliveira (2010), Orlandi (2004) and others. After analysis, it is concluded that the EJA has not yet reached the desired (PCNs) level, because its teaching is still far from the reality of their students and unfortunately far from train them critical and active citizens in today's society.

**Keywords:** PCNs. Critical citizens. EJA.

## **Introdução**

Este trabalho de comunicação oral busca delinear o sentido do texto falado, já dado, fornecido pelo aluno do 5º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos, que funciona na Escola Pública Estadual acerca de alguns procedimentos e possibilidades de ensino que acontece no espaço de sala de aula e, tanto favorecem ao acesso as práticas sociais da escrita, quanto contribua para efetivar a alfabetização e o letramento dos alunos e, seja promotor de cidadania. Conforme Urbano (In: PRETI, 2006, p.157) o texto falado constitui-se do depoimento prestado durante diálogo entre o depoente e outro informante.

Entendemos por *espaço* como um lugar de convivência, de pertencimento de interações, de estabelecimento de relações, de movimento, ou como nos ensina Freire (2000, p.115) do diálogo “com o outro” que /.../. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança, da comunicação. Pensado assim, o que nos interessa é saber como a linguagem funciona nesse contexto da EJA, considerada esta como um espaço social de construção teórico-prática vivenciada, em que sentidos e sujeitos se constituem em suas particularidades tendo em vista as diferentes concepções de ensinar e de apre(e)nder no imaginário do aluno da EJA.

Considerar “espaço” como lugar praticado é compreender que os espaços são especificados pelas ações dos sujeitos historicamente situados. No dizer de Certeau (1996) o lugar *praticado*, pois, aponta para movimento sem o qual não seria espaço, seria, pois, apenas um lugar.

Concordando com a teoria da Análise do Discurso (AD) das *relações de sentidos e relações sociais entre escola e cidade* de Orlandi (2004, p 149) podemos pensar a Escola como lugar fundamental de estabelecimento e administração de sentidos para cidade enquanto instituição, porque se localiza na cidade. Para ele o trabalho com a linguagem escrita sinaliza como compreender o funcionamento do discurso urbano, sendo a escola indispensável, pois é responsável pelo suporte teórico trazendo consigo diversas vozes sentidos ditos e não ditos e, sobretudo, silêncios.

Partindo do princípio que a EJA deve formar cidadãos críticos e atuantes tende-se a perguntar que tipo de cidadãos quer se formar? Certamente que esta problemática nos encaminha para outra questão básica, qual seja: Será que a prática da EJA em sala é coerente com os seus objetivos, em relação ao que diz os documentos oficiais?

Para responder esses questionamentos foi aplicado um questionário com 5 alunos da escola pesquisada dos quais foi escolhido como amostra a respostas de 3 alunos cujo objetivo tenta comparar com os documentos oficiais e com o livro didático, ainda que seja uma pesquisa em estágio inicial.

Na fundamentação deste trabalho buscamos apoio teórico nos pesquisadores em relação à teoria e prática na alfabetização de jovens e adultos Schwartz (2010),

Esse trabalho será organizado da seguinte forma, breve contextualização da EJA no Brasil; Metodologia; Análise dos resultados e, em seguida apresenta uma conclusão ainda que de modo provisório, seguida das referencias consultadas.



## **Breve contextualização do EJA no Brasil**

O ensino de adultos começa no Brasil desde o período colonial com a chegada dos jesuítas. Com a constituição de 1824 foi criado o ensino gratuito breve contextualização do EJA no Brasil, já na segunda década d século 20 essa ideia foi semeada e movimentos civis e oficiais formaram lutas contra o analfabetismo, pois o analfabetismo passou a ser visto como uma mácula da sociedade brasileira.

Na década de 40 forças políticas nacionais por força da constituição de 1934 que instituiu o ensino primário gratuito e obrigatório para todo país.

[...] a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário (1942), que tinha por objetivo ampliar a educação primária, de modo a incluir o ensino supletivo para adolescentes e adultos;

- o Serviço de Educação de Adultos (SEA, de 1947), cuja finalidade era orientar e coordenar os planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos;
- a criação de campanhas como a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA, de 1947), que teve grande importância como fornecedora de infra-estrutura aos estados e municípios para atender à educação de jovens e adultos;
- a Campanha Nacional de Educação Rural (1952);
- a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958) as duas últimas, de curta duração, tiveram poucas realizações.

Na década de 60 se propagou a ideia de educação popular acompanhado o movimento de intelectuais e instituições. O grande contribuidor para esse movimento da Educação de Jovens e Adultos foi Paulo Freire com suas inovações para o ensino. Porém os avanços foram coibidos pelo golpe militar.

Os militares para enfrentar o analfabetismo criaram a Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC), nos anos de 1965 e 1971, que era dirigida por evangélicos. Em 1967, o governo criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) .Em 1971, com a Lei

de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (n.o 5.692/71), foi implantado o ensino supletivo.

Na contemporaneidade As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, resolução CNE/CEB n.o 1/2000, definem a EJA como modalidade da Educação Básica.

Por outro lado, em pesquisas sobre *Afetividade e letramento na alfabetização de adultos* Leite (2013, p.19) sustenta, que a realidade socioeconômica no Brasil possui características marcantes de exclusão sob uma imensa parcela da população. Para tanto, o autor ilustra essa afirmação com dados da pesquisa do Datafolha (Folha de São Paulo, 22/01/2012), em que 28% dos brasileiros são caracterizados como excluídos, ou seja, pertencem à faixa socioeconômica mais baixa. Considera ainda, que 18% situam-se na classe média baixa, visto que, quase metade da população 46% sofre, em alguma dimensão, o processo de exclusão.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA a grande maioria dos alunos dessa modalidade de ensino tiveram passagens fracassadas pelo ensino regular, o que se torna um grande desafio pedagógico, em termos de criatividade e seriedade, o que a essa modalidade impõe é a garantia a esse seguimento social marginalizado nas esferas socioeconômica e educacional, um acesso à cultura letrada que lhe possibilite acesso ativo ao trabalho, a política e a cultura.

## **Metodologia**

Esta pesquisa realizou-se no início do semestre letivo 2014.2, numa escola pública Estadual, localizada no bairro das Malvinas, em Campina Grande-PB. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica segundo André (2004, p.35) ela apresenta no mínimo três dimensões, a saber: [a] o encontro professor/aluno e objeto do conhecimento em situações do diálogo de sala de aula; [b] as relações instituídas pelos agentes da instituição escolar; [c] os fatores socioculturais mais amplos que afetam a



dinâmica escolar. Para tanto foi aplicado um questionário como instrumento e procedimento de coleta de dados entre os sujeitos pesquisados.

Constituem-se sujeitos desse estudo os alunos de uma turma do 5º ano da escola pública pesquisada. Para a dimensão desse trabalho vamos analisar apenas uma amostra de 3 Alunos, denominados para a transcrição do texto escrito de **A1** (masculino de 22 anos), **A2** (Feminino de 19 anos) e **A3** (feminino de 45 anos) na faixa etária entre 18, 19 e 20 respectivamente.

Ainda que em fase embrionária dessa pesquisa após a análise dos dados coletados chegaremos à conclusão mesmo que provisória.

### **Análise dos resultados**

Para a análise do corpus tomamos como parâmetro inicial a prática do ensino da Língua Portuguesa no 5º ano, a partir da experiência fornecida pelo aluno. Segundo os alunos a prática se efetiva através dos recursos como livro didático e aulas expositivas.

Selecionamos para esta análise o capítulo 5 intitulado Acentuação gráfica do livro Novas palavras da autoria de Emília Amaral, [et. al.] datado de 2010 que é adotado na instituição e que a professora utiliza, no dizer dos alunos pesquisados como base para as suas aulas.

Após um estudo acurado desse capítulo apontado como livro didático que é adotado por aluno/professor partimos para um diálogo com autores que se dedicam ao estudo dessa modalidade de ensino se apresenta como necessário para entender porque o ensino dessa modalidade é tão descontextualizado não atendendo as necessidades dos alunos, pois não contemplam os dizeres das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Os dados em análise assumem uma característica própria da linguagem na relação entre pergunta e resposta, segundo Marcuschi (1999, 36) os pares conversacionais de perguntas e respostas trazem uma importante consequência metodológica para a compreensão da conversa entre os seus interlocutores. Indicam inclusive para o pesquisador que não é apenas a ação linguística, tão somente a sequência de atividades didáticas que se presta como unidade para a análise do texto falado. Para tanto a análise se baseia em 5 variáveis proporcionadas por cada questão.

**Questão 1: *As aulas da EJA suprem as necessidades dos seus alunos no que diz respeito aos conteúdos do Ensino de Língua Portuguesa?***

- A1 “não por que eu não entendo os conteúdos”
- A2 “acho que não”
- A3 “sim a prof. Sabe”

Partindo dessas respostas dadas pelo aluno se pôde perceber que o ensino é faz referência a um contexto social voltado para o livro didático de aulas prontas que muitas não levam em consideração o conhecimento prévio dos alunos e nem seus interesses. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, dizem que se a equipe escolar tem em vista uma aprendizagem significativa, é necessário criar condições para que os alunos possam manifestar preocupações, problemas, interesses, conhecimentos prévios, motivações –, assim, levá-los em conta no processo de articulação entre definição de objetivos e seleção de conteúdos.

**Questão 2: *As aulas são planejadas com a colaboração dos alunos.***

- A1 “não a profesora tras a aula pronta”
- A2 “não”
- A3 “não ela planeja com os outro professor”

Conforme resposta dada na **Questão 2** fica claro que muito pouco ou quase nada do que diz esse importante documento é cumprido nesse estabelecimento de ensino, contudo não foi possível verificar se o professor tem algum tipo de estudo acerca dos (PCNs), visto que, esse documento também não é de fácil compreensão se o professor não possuir uma boa teoria sobre a Língua Materna, logo fica quase que impossível o seu uso adequado, no contexto de sala de aula.

**Questão 3: O livro que vocês utilizam na sala de aula o livro é próprio para o EJA?**

- A1 “não, é o livro normal”
- A2 “o que todo mundo usa na escola”
- A3 “o livro normal”

**Questão 4: Foi perguntado ainda com que frequência o livro é utilizado.**

- A1 “quase todo dia”
- A2 “sempre”
- A3 “quase toda aula”

As **Questões 3 e 4** nos fazem entender a partir da fala do aluno que não existe uma outra opção de leitura em sala de aula que não seja via-livro didático que o aluno denomina de “normal”, significando o de sempre.

Vale lembrar que o livro didático para (PNLD EJA/2014) ele é reconhecido como uma ferramenta importante para a formação os educando, porém a EJA por ser uma modalidade de ensino, que lida com jovens, adultos e idosos. Essa modalidade de ensino lida com os estudantes que trazem para a sala de aula um leque de experiências provenientes do convívio social, além das vivências advindas do mundo do trabalho e da família. Nesse sentido esses alunos precisam de um livro didático que atendam suas necessidades escolares, ampliando seus conhecimentos de mundo e acrescentando novos conhecimentos partindo de sua realidade, isto é sem menosprezar seus conhecimentos empíricos.



**Questão 5:** *As atividades que vocês fazem do livro elas fazem com que os alunos reflitam antes de responder?*

- A1** “agente copia no caderno e respondi e fácil”  
**A2** “as vezes eu não sei responde”  
**A3:** “agente tem que pensar antes de respondê”

Percebe-se que a maioria das escolas que ensinam nessa modalidade ainda não tem disponíveis livros específicos que contemplem de forma eficaz capaz de interagir com esses saberes diversos dos alunos da EJA.

Outro dado muito frequente no texto do aluno ele apresenta marcas da oralidade e de na escrita o que deveria ser trabalhado pela professora conforme nos sugere Oliveira, (2010) quando diz que há pontos que a fala se aproxima da escrita e há pontos em que as duas se distanciam bastante uma da outra. Por essa razão, na prática pedagógica, o professor precisa ficar atento aos erros que os alunos cometem na escrita, pois muitas vezes eles são reflexos da influência da fala.

A escola ainda não trabalha frequentemente com a oralidade, pois ela se omite e justifica-se na crença que o uso oral não precisa ser ensinado em sala de aula, pois todos sabem falar, conseqüentemente sabem os usos da língua, o que não é uma verdade, pois há casos em que as pessoas não sabem como se expressar principalmente em ambientes formais e é dever da escola preparar os alunos para todos os momentos da vida. (cf. MARCUSCHI, 2001, p. 19 apud ANTUNES, 2003, p. 24).

Com esse questionário percebemos que a prática usada nas aulas não colaboram para o desenvolvimento da autonomia do aluno na medida em que ele copia do livro para o caderno e as atividades não contempla atividades que os faça pensar, nem os instiga a procurar informações no caderno, texto ou livro, desenvolver formas de pensamentos, pedir informações para superar um desafio, etc. A maior parte das atividades que foram observadas no livro didático são para copiar trechos dos textos sem



considerar o contexto. A literatura não se esgota o texto. Completa-se no ato da leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Esse, porém, pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entendendo em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. (AGUIAR, 1988)

A literatura e seu exercício faz com que os alunos desenvolvam seu intelecto, mas para isso eles precisam ser instigados a ler e compreender o mundo plural que os cerca. Para tanto é preciso fazer com que eles trabalhem as leituras do livro didático de forma crítica e não apenas copiando trechos como é feito no capítulo do livro que se tomou como base estudo.

## **Conclusão**

Após a análise dos dados percebeu-se que a educação em um mundo em que ocorrem processos de globalização, certo modo à prática no contexto de sala de aula, ainda que seja com o auxílio sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, bem como a resolução CNE/CEB n.o 1/2000, mesmo assim o uso da prática educativo das pessoas da EJA ainda é muito carente essa modalidade de ensino, em relação ao mundo letrado cabendo à escola desenvolver o censo crítico desses alunos.

A escola deveria propiciar aos alunos um ambiente acolhedor onde mais que as relações de aprendizagem ele encontrasse relações com sentimento, afetividade, diálogo. Vale salientar que é preciso aos alunos compreender que devem aprender a planejar e adequar seu discurso a diferentes situações formais e informais. É essencial que os educandos compreendam suas diferentes funções sociais e conheçam as

diferentes características que os textos podem ter, de acordo com essas funções e não apenas copiar trechos que não lhes servirão para a vida fora da escola.

Portanto é preciso evoluir, ensinar além do livro didático, buscando o diálogo com os alunos e seus principais interesses, buscar nos documentos oficiais orientações para melhorar o ensino para que não haja contradição dos documentos com a realidade vivida nas escolas. Nossos estudos continuam e quem sabe, se quando chegarmos ao fim, possamos ter a certeza que nosso ensino evoluiu e que contempla os alunos com a criticidade e o aprendizado que eles buscam, inserindo-os no mundo letrado.

## Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de e BONDIN, Maria da glória, **Literatura e formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro & interação (2010). Parábola Editorial. 2003.

### Brasil

[www.fnnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro\\_Didatico\\_PNLD/Guias/PNLD\\_2014\\_EJA/pnld\\_eja2014.pdf](http://www.fnnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Guias/PNLD_2014_EJA/pnld_eja2014.pdf)

\_\_\_\_\_. Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1o segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LEITE, Sérgio Antônio da. Afetividade e letramento na alfabetização de adultos. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Afetividade e letramento na alfabetização na educação de jovens e adultos EJA**. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**, 5.ed. São Paulo: Ática, 1999.

ORLANDI, Eni P. Relações de sentidos e relações sociais: escola e cidade. In: \_\_\_\_\_. **Cidade dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2004.

URBANO, Udinilson. A linguagem falada e escrita de Helena Silveira. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. 3 ed. São Paulo: HUMANITAS, 2006.